

A tensão positivismo-tomismo em Alfredo Pimenta

Ao Dr. António José de Brito.

O fenómeno positivista na condição portuguesa está documentado.⁽¹⁾ As dúvidas quanto à importância magistral — se de Comte, se de Littré, se, mesmo, de algum realismo inglês — são ainda vigentes, sê-lo-ão por tempo a vir.

A vaga positivista arrebatou toda uma geração a que o espírito dos “vencidos da vida” se transmitiu, ao efectuar a metamorfose de um positivismo universitário, intelectual e de escol, num outro, popular ou vulgar, menos sapiência mental do que hábito de vida. Cumprirá, quando for oportuno, deslindar estes dois positivismos — o escolar, feito de adesão a teses reflectidas, e o vulgar, feito de adesão a lugares comuns, veiculados pelos jornais, pelo gosto de viver e afirmar certos artigos de orientação diária, nessa afirmação implicando a negação do que os antigos aceitavam e viviam. Para uma geração, situada entre 1890 e 1910 — os dois decénios críticos do tempo velho e do tempo novo — o positivismo serviu de baluarte de contestação da sociedade estatuída. Talvez fosse pouco consistente; talvez carecesse de justa mente. Em todo o caso, mexeu com as pessoas, e influenciou as instituições. De 1890 para 1910, o que ocorre é tão simplesmente isto: a já positivista Monarquia Constitucional transforma-se em positivista Monarquia Electiva. O país real continuou, como se nada se tivesse passado, assim ao geito do prólogo do *Calígula*, de Alberto Camus. É aceitável olhar para Alfredo Pimenta quando ele já era um homem de 27 anos, olivando o que fica para além dessa data. Situa-lo-emos, desse modo,

(1) Cf. a meritória obra de Álvaro Ribeiro, *Os Positivistas*, Lx., 1955. Em análoga perspectiva, esclarecemos a polémica teológica sobre o positivismo no ensaio *Joaquim Alves da Hora ou a Crítica Teológica do Positivismo*, Matosinhos, 1980, e, antes, com referenciação de textos, no estudo *Teodiceia Portuguesa Contemporânea*, Lx., 1974.

no quadro dos escritores a quem as gerações republicanas ficaram em débito, quanto ao conhecimento do ideário positivista.

Jornalista político, Alfredo Pimenta dirigiu alguns jornais republicanos na província. Não sabemos qual teria sido o primeiro, mas, aos vinte e sete anos, em 1909, era director do semanário *O Debate*, nesse ano fundado em Matosinhos pelo Centro Republicano João Chagas. Pimenta alternava os “fundos” com outro notável pensador e sábio, José Augusto Ramalho Teixeira Rêgo (1881-1934), que, num percurso deveras distinto do percurso de Alfredo Pimenta, viria a ser influente personalidade do grupo de Leonardo Coimbra, no Porto. Autodidacta, Teixeira Rêgo conseguira guindar-se ao nível do nosso mais competente especialista em línguas clássicas orientais e em história comparada das religiões, pelo que, em 1919, Leonardo Coimbra lhe cometeu responsabilidades docentes na Faculdade de Letras do Porto.⁽²⁾

Teixeira Rêgo já era, na altura, um positivista *sui-generis*. Educado por Basílio Teles e por Sampaio (Bruno), o pensador matosinhense efectuava a viragem, em 1910, para um naturalismo transformista, deveras dependente da metodologia positivista, mas, não obstante, influenciado pelas ciências antropológicas matriciadas ao idealismo romântico e germânico, com abundante recurso à didáctica estruturalista de Fernando de Saussure — autor introduzido no nosso país por Teixeira Rêgo.

Causava cambiante a colaboração paritária de Alfredo Pimenta que, na época, afirmava um comtismo, que diríamos ocluso. A sua identificação com o pensamento de Augusto Comte era tamanha que, uma vez, inseriu um fundo acerca da personalidade despótica de Napoleão. Assinado por Alfredo Pimenta, esse fundo de *O Debate* é apenas isto: meia dúzia de linhas de Pimenta na abertura, indicando que vai transcrever o inolvidável mestre e, depois, o perfil de Napoleão segundo a pena de Comte.

Alfredo Pimenta abandonou as funções de director de *O Debate* em 1910, mas logo continuaria a obra de implantação do ideário positivista nas colunas notáveis do semanário *O Districto da Guarda*, de que foi competente director em 1913.

(2) Álvaro Ribeiro, *Memórias de Um Letrado*, 3 vols., Lx., 1977-1980. Cumprir ler, na sequência, de José Marinho, *Verdade Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Porto, 1976. Acerca do pensador matosinhense elaborámos o ensaio intitulado *Teixeira Rêgo e a Renascença Portuguesa*, Matosinhos, 1981.

Que seria de esperar? Intrigante, só um comportamento diferente ou incoerente. O positivismo era, para Alfredo Pimenta, o sistema de vida e de pensamento, a fórmula capaz de alterar a face da vida portuguesa.

O encontro de Alfredo Pimenta com o positivismo passava através de Teófilo Braga, seu compadre e seu amigo. Sem aprofundar miuçalha, mencionemos apenas alguns episódios.

Em 1905, o historiador vimaranense descobre os *Traços Geraes da Philosophia Positiva*, de Teófilo Braga, ao qual escreve, nesse mesmo ano, solicitando um exemplar para estudo. Infelizmente, o autor só dispunha do seu próprio exemplar, cujo empréstimo lamentava não poder fazer.⁽³⁾ Em 1906, — ao editar a obra polémico-panfletária, *O Fim da Monarquia*, Pimenta mostrava-se deveras impressionado com outro livro de Teófilo — o *Sistema de Sociologia*, facto que o mestre positivista anotou em carta para o seu admirador.⁽⁴⁾ Em 1907, Alfredo Pimenta vive tão intensamente o positivismo que se propõe escrever a *História do Positivismo em Portugal*, o que Teófilo mostra estimar e desejar, com expressivo contentamento.⁽⁵⁾ O projecto pimentino não passou daí, mas, em 1909, há notícia de ter em preparação outro estudo: *O Positivismo e a Tendência Moderna da Filosofia*, que julgamos não chegou a editar.

De qualquer modo, o volume de *Estudos Sociológicos* (Lx., 1913) releva de uma anotável visão positivizada e positivizante, em que só não é positivista o temperamento irrompedor do poeta e polemista, prenhe, alfim, de um idealismo que pedia o abatimento das barreiras que pudéssem surgir à ânsia de amplidão. Longe, porém, de nos dar a ideia de se sentir mal, num positivismo a rebenatar pelas costuras, o pensador e o sociólogo preconizador do aritmético historiador sentem-se bem naquele equilíbrio da metodologia de Comte em matéria de ciências sociais, designadamente de sociologia, que o francês realmente fundara como física social.

Há indícios de que, ao descobrir o positivismo, Alfredo Pimenta estava na fase de procura de um ideário substante e consistente. Muitos anos depois, falando para estudantes em Coimbra, acerca de si mesmo, encapotado no heterónimo do seu amigo Francisco

(3) Cf. Manuel Alves de Oliveira, *Cartas dos Outros para Alfredo Pimenta* (Guim., 1963) 7.

(4) Id., id., 9.

(5) Id., id., 21.

de Lucena, Alfredo Pimenta traçaria vivo retrato do achamento, no meio das milhentas leituras que efectuava, ele, devorador de livros e documentos:

“Um dia, nas suas leituras, foi-lhe chamada a atenção para certos princípios ou dogmas de Augusto Comte. O meu Amigo procurou conhecer a filosofia positiva. Quase desapareceu da circulação. Ninguém o via, a não ser nas aulas. Só eu o visitava em sua casa. A influência que o *Cours* de Comte, exerceu sobre o espírito do meu Amigo foi fundamental”.⁽⁶⁾

A conversão positivista atingiu tamanho grau em Alfredo Pimenta que, numa época de velados panteísmos, de absorventes fórmulas de religiosismo laical (Basílio Teles, Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro, Leonardo Coimbra...) que orientavam muitos espíritos para a contemplação de um metafisicismo global e quase aleatório da realidade (natural reacção ao extremo positivismo) como esse que se desprende do pensamento de Guerra Junqueiro, preconizado autor de um sistema de Monismo Panteísta integral; nessa época, dizíamos, Alfredo Pimenta visava erigir em sistema as consequências relacionais da metodologia comtista das ciências, com exclusão da Metafísica, ciência do estado metafísico, já ultrapassada pelo limiar da época positiva. Com efeito, o sonho de Pimenta era a elaboração do sistema que titulava *Relativismo Integral*. Dir-se-á que não o compôs em um livro. Diremos que o compôs em livros vários: toda a obra do historiador, (e neste aspecto bem merece o apreço de todos) se orienta no trânsito de um relativismo integral. Por isso, não tendo criado uma filosofia da história, na sua obra de historiador acabou por inserir esse espírito positivo de uma filosofia da história implícita — o Relativismo Integral — em que talvez se funde a inegável competência de Pimenta como historiador seguro, e sempre digno de crédito. O positivismo, que não elaborou em texto teórico-discursivo, acabaria por ser elaborado num contexto práctico-histórico, com recurso a uma epistemologia relativa, positiva, mas de índole integral. Só que o “integral” em história é humanamente inatingível.⁽⁷⁾

(6) Alfredo Pimenta, *A Evolução de um Pensamento (Autobiografia Filosófica)*, (Coimbra, 1935) 13.

(7) Mormente nas questões da Providência e do Milagre. Na sua *História de Portugal*, Oliveira Marques apresenta o caso de Fátima como uma construção teatral da Igreja. Imaginemos que Oliveira Marques afirmava que Nossa Senhora tinha aparecido aos Pastinhos, e que se dera, de facto, um milagre. Como historiador de caso certo, Oliveira Marques não *deve*, ainda que possa, afirmar, nem uma coisa,

A progressão filosófica levou Alfredo Pimenta a uma avessidade quanto à filosofia, avessidade essa que ele designou, por fim, como “abstencionismo filosófico”.⁽⁸⁾

Todavia, estava ciente da razão e da fundamentação do seu positivismo confesso e professo. Di-lo-ia, ao tarde:

“Tendo vindo ao mundo numa hora de Negativismo anárquico e de Criticismo pessimista, dum e doutro se alimentou, desde os verdes anos irrequietos da sua mocidade curiosa. Em plena fase de Stirnerismo político e de Nietzscheismo filosófico, o Autor depa-rou com o Positivismo Comteano. Os elementos ancestrais adormecidos que formavam a estrutura básica da sua individualidade, sacudiu-lhos a Filosofia de Comte, meditada na Origem, e não através das deformações e deturpações de Littré”⁽⁹⁾

Que polémica é essa que se descortina na última parte da citação, em que Comte é bem diferenciado de Littré? — É a polémica da lealdade ao positivismo, ao rigor positivista, valores dos quais Alfredo Pimenta ora se reclama, contra quem o iniciara no ideário — Teófilo Braga.

Surge, aqui, um aspecto curioso, em três instantes: afastamento da influência de Teófilo, aproximação da influência da Igreja e reafirmação de um positivismo mais original, com primado do magistério de Comte em oposição aos demais doutrinadores do positivismo.

Ao afastar-se de Teófilo, Pimenta ainda mais se insere no espírito do positivismo. Acaba por minorar o velho mestre em vários passos dos seus livros; o mestre republicano fica para trás, no caminho de um homem que, em 1916, adere à Monarquia. Alfim, considera que “o Positivismo de Teófilo é uma lenda”⁽¹⁰⁾, afirma que Teófilo leu muito, mas sem nunca ter aprendido o “espírito positivo”, que conheceu melhor através de Littré do que de Comte, tendo, portanto, conhecido mal. Pimenta aproxima-se da Igreja, afasta-se de Teófilo, mas isso não corresponde a um afastamento do positivismo, bem pelo contrário: significa uma reafirmação, um aprofundamento: “o Positivismo é o que está na obra de

nem outra. O historiador tem de abordar o fenómeno e não tem de tomar posição quanto ao oculto desse mesmo fenómeno. Aqui está porque dizemos ser, o relativismo integral, impraticável, em ciências fenomenológicas, sejam elas humanas ou naturais.

(8) A. Pimenta, *A Evolução dum Pensamento*, 26.

(9) A. Pimenta, *Estudos Filosóficos e Críticos*, Pref., XXVII-XXVIII.

(10) Id., *Mestres do Pensamento* (Braga, 1941) 12.

Augusto Comte, e não o que lhe atribuem Littré, Stuart Mill, de Roberty, Ardigó e Teófilo Braga".⁽¹¹⁾

A conversão à Igreja abre a Pimenta as janelas do pensamento católico, na época assente, principalmente, no movimento internacional neo-tomista. ⁽¹²⁾ Lê os comentadores, Garrigou-Lagrange, Pégues, Maritain, Sertillanges, Jean Rimaud, medita a edição da *Suma*, e, sobre tudo isso, escreve os famosos folhetins no *Diário de Notícias*, matéria do seu primeiro livro de grande fôlego em crítica filosófica, *Estudos Filosóficos e Críticos* (1930). A forma de abordagem aos livros tomistas, a demora na tradução e análise interna das 24 teses tomistas, etc., parecem indicar uma inequívoca adesão ao tomismo, com óbvio abandono do positivismo, ou, pelo menos, com abandono das teses em que o positivismo prejudicasse o tomismo, mas eis que tanto não ocorreu. Certamente o escritor não reflectiu muito sobre os grandes princípios da problemática filosófica, preferindo, antes, escrever e reflectir sobre textos tomistas em que, naturalmente, teve de meditar aqueles grandes princípios. Mas o objectivo era o de aquilatar leituras em função da sua nova intencionalidade de católico. Reconheceu, aliás, que a sua principal tarefa no neo-tomismo português consistiu em ter dado a conhecer melhor o movimento internacional, através dos artigos no *Diário de Notícias*.⁽¹³⁾ Verdade seja que a sua crítica interna das 24 teses releva para além disso, sendo talvez o único texto em que, apesar da brevidade, Pimenta reflecte realmente sobre os grandes temas da filosofia positivista.

A questão, porém, é esta: a aceitação do tomismo correspondeu a uma rejeição do positivismo? Diremos que não correspondeu, diremos que ela significou a entrada do autor num clima tensional, que persistiu até ao fim da sua vida na terra.

Abandona Teófilo e agarra-se a Comte; descobre Santo Tomás e toda a vida mental de Pimenta se compromete, missionária, na tarefa de cristandade: salvar Comte, fazer dele uma das traves mestras do novo pensamento católico, despido que fosse do fictício

(11) Id., *Novos Estudos Filosóficos e Críticos* (Lx., 1935) 48.

(12) Cf. Ferreira Deusdado—P. Gomes, *A Filosofia Tomista em Portugal* (Porto, 1978), 152-159. Nesta meia dúzia de páginas, expusémos o nosso ver acerca das relações tomismo-positivismo na situação portuguesa, e afirmámos o nosso parecer sobre o tema que, ora, em homenagem a Alfredo Pimenta, cingimos ao que se passou com este pensador pátrio.

(13) Pimenta, *Estudos Fil. e Críticos*, Pref., XXVI.

e do factício da “religião da Humanidade”, tal como Aristóteles e Platão tinham sido libertos, por Tomás e Agostinho, dos mitos pagãos, e baptizados em tudo quanto ofereciam de baptizável.

Decerto que, na conferência *Mestres do Pensamento* (1941), em que retrata mestres portugueses, Pimenta não tinha de chamar Comte à refeição do magistério, mas já vimos como, de facto, o chamou, para o reafirmar como glório patrono do seu pensamento.

Talvez haja quem, antes de descobrir Cristo, descobrisse Aristóteles, e tenha acedido a Cristo por causa de Aristóteles. Análogo processo ocorre em Pimenta: Augusto Comte, que o conduziu para o positivismo, foi também quem o conduziu para a Monarquia, e o restituiu à Igreja Católica.⁽¹⁴⁾ O pensador nunca explicitou, em narrativa espiritual, os mecanismos desta portagem, mas afirmou repetidamente que, afinal, foi a Cristo através de Comte.

O testemunho da sua opinião, ou da sua peroração, vale pelo que não ficou sistemática ou dialecticamente exposto. Assumindo os artigos da fé católica, e aceitando a grandeza universal do tomismo como excelente filosofia da catolicidade, o autor, mais uma vez oposto a Leonardo Coimbra, tal como António Sardinha, mais por causas políticas do que por razões de fundo filosófico — sentiu-se salvo e em porto seguro. Esqueceu, minorou, afugentou de si mesmo a atitude positiva? Efectuou a crítica de Comte à luz de Santo Tomás, enumerou as dissensões, identificou as diferenças e as identidades, fez a opção por uma via?

A resposta vem aqui: “tendo encontrado a Filosofia Positiva, num período de absoluta desorientação filosófica, (...) depois de ter passado pela influência de Schelling, Kant e Hegel, sei, por experiência própria, o que o Positivismo vale”.⁽¹⁵⁾ Que vale o Positivismo? Vale, ao menos, tanto como para o Cardeal Mercier valera o pensamento de Kant, adequado ao tomismo, porque, tanto no idealismo do germano, como na apologia do aquinate, há lugar demonstrado para a Causa Primeira, o que não ocorre no francês?

Verdade é a de Alfredo Pimenta desejar salvar, consigo, tanto Augusto Comte, como o positivismo. Estava isento de

(14) Pimenta, *Pretexos e Reflexoens* (Lx., 1922) 166. Noutro local, diz: «Foi ainda Comte que levou o Autor a fazer a revisão total dos seus juízos sobre a Igreja Católica» (Cf. *Est. Fil. e Crit.*, pref., XXVIII)].

(15) A. Pimenta, *Novos Est. Fil. e Crit.*, 52.

averroísmo,⁽¹⁶⁾ mas continuava possesso de positivismo, agora em tensão dialéctica com o tomismo: ele, Alfredo Pimenta, fora recebido pela Igreja; ele, Comte, deveria ser recebido pelo tomismo oficial, o da Igreja. Se Comte o levara à Igreja, e se Teófilo o levara a Comte, estaria Pimenta ciente da conclusão? — A de que, portanto, Teófilo o levara à Igreja através de Comte?

Está por documentar se, depois de 1924, Alfredo Pimenta continuou a ser fiel leitor de Comte, se aprofundou ainda mais as consequências do positivismo, mas está documentada a sua lealdade ao positivismo da primeira hora, não obstante o tomismo. Ninguém pode rejeitar o positivismo, só porque dele se transmitiu a imagem de um ateísmo, porque: em primeiro lugar, o positivismo não é ateu,⁽¹⁷⁾ e, em segundo lugar, limitou-se a balizar a acção da ciência, pois, sendo a filosofia positiva uma filosofia essencialmente científica, tinha de fixar os limites das ciências, com antinomia à metafísica.⁽¹⁸⁾ Empenhado em promover uma corrente tomista em Portugal, Alfredo Pimenta cumpria ainda a tarefa salvífica de levar, com ela, na corrente, os valores essenciais do positivismo.⁽¹⁹⁾

“Quem conseguisse realizar a obra de adaptação ou de interpretação do Positivismo e do Tomismo, teria construído a maior das sínteses filosóficas de todos os tempos. Sonho que trago comigo, a seduzir-me todos os instantes, e que comigo morrerá”.⁽²⁰⁾

O seu amor é positivista, mas a porta de saída é tomista. Diremos que positivismo e tomismo se lhe apresentam quais necessidade e liberdade, em que ao tomismo se deveria cometer a tarefa de catolicizar Augusto Comte.⁽²¹⁾

Não fizera Santo Tomás análoga tarefa quanto a Aristóteles? No ver de Alfredo Pimenta, Santo Tomás serve-se da filosofia para tornar entendida a sua teologia, porque, embora possuindo uma teologia, não possuía uma filosofia, que teve de ir buscar em Aristóteles.⁽²²⁾ Equivalente conversão técnica ora se põe: “Augusto

(16) Id., *Est. Fil. e Crit.*, Int., XXIX: «Não pensa, o Autor, que há duas verdades, a da Fé e a da Razão, como queriam os averroístas latinos».

(17) Id., id., Int., XXXVIII.

(18) Id., *Novos Est. Fil. e Crit.*, 51.

(19) Id., *Est. Fil. e Crit.*, 99.

(20) Id., *Novos Est. Fil. e Crit.*, 53.

(21) Id., *Est. Fil. e Crit.*, XXXIX.

(22) Id., id., 125. Cf. a seguinte passagem, de subtil relação com o chamado positivismo de apetência metafísica de Bruno e de Amorim de Carvalho: «A filosofia positiva, dando como fundamental a sujeição dos fenómenos à invariabilidade das

Comte iluminado por S. Tomás— eis a solução definitiva para o problema do pensamento”.⁽²³⁾

A esta luz, quem carece um do outro? É o tomismo que carece do positivismo, ou o positivismo que carece do tomismo? Não daremos resposta por nossa boca, mas por oráculo pimentino, de onde é fácil extrair conclusão:

“Há que introduzir na zona científica do Tomismo o espírito do Positivismo. Há que repensar S. Tomás. S. Tomás conciliou Aristóteles e a Revelação. Hoje, há que conciliar S. Tomás e Augusto Comte”.⁽²⁴⁾ Precisa, o tomismo, da visão científica do positivismo? O juízo transcrito é de molde a não deixar dúvidas, pelo que, no ver de Pimenta, o tomismo só é virtuoso na ordem teológica, tendo muito a aprender com o positivismo, na ordem científica. Aliás, para Alfredo Pimenta, em 1935, só havia três grandes filósofos, apesar de um quarto: “Na Filosofia moderna (há) dois grandes filósofos igualmente: Kant e Comte. Comte, mais do que Kant. Temos assim — Aristóteles, S. Tomás e Augusto Comte”.⁽²⁵⁾

Houve mais do que dígitos intelectuais católicos que foram, na prática, excelentes positivistas. Só que evitaram confessar o positivismo global, limitando-se a seguir a metodologia científica, naquilo em que ela não efectava a ordem da crença e da fé. Mas, no geral, admitia-se que o positivismo, tal como estava formulado em suas bases e consequências, era uma forma de ateísmo. Algumas críticas terão chegado aos ouvidos de Pimenta que, ciente disso, afirmou em certa altura: “O Autor admite que se ponha em dúvida a justeza das suas conclusões e da sua doutrina tão pessoal e tão melindrosa, por ousada. Mas pede que se não duvide da sua boa fé”.⁽²⁶⁾

leis, não exclui, por definição, a intervenção de Deus na natureza» (Id., id., XXXVII). [Pimenta julgava ultrapassar, desta forma, a questão da Providência, do milagre e do livre arbítrio, mas de pé continua a primeira causa: onde está Deus, na filosofia positiva?].

⁽²³⁾ Id., id., 147.

⁽²⁴⁾ Id., id., 146.

⁽²⁵⁾ Id., id., 145. No *Terceiro Livro de Estudos Filosóficos e Críticos* (Braga, 1958), o tomismo já tem pouca ressonância. Teria, Pimenta, regredido, na velhice, para uma lealdade maior ao positivismo? Em que medida a polémica com o Centro Católico não fez mal ao seu temperamento, e o indispôs com o pensamento oficial da Igreja?

⁽²⁶⁾ Id., id., XL.

Pessoalmente não duvidamos, nem sequer um instante, da sua boa fé. A nossa dificuldade reside em aprender a lógica consequente desta tese:

“Há, na Filosofia de hoje, uma grande obra a realizar. E o Autor de bom grado a ela se abalançaria, se lho não impedissem obstáculos de variada natureza. Essa obra consiste em fazer, para Augusto Comte, o que S. Tomás de Aquino fez para Aristóteles”.⁽²⁷⁾

A certeza da boa fé de Alfredo Pimenta obriga-nos, portanto, a roborar a tese, ora em síntese: Alfredo Pimenta viveu o tomismo em tensão dialéctica, e nunca abandonou a sua primeira filosofia, o positivismo.

Tanto amou o positivismo, que fez, da sua vida, uma obra missionária: a de o catolicizar, para não o perder.

Pinharanda Gomes

(27) Id., id., XXXII. Sobre as constantes e as variantes das matrizes da filosofia europeia, com exposição das tensões dialécticas dos contrários, sugerimos a leitura da valiosa tese de António José de Brito, *Le Point de Depart de la Philosophie et son développement dialectique*, 1979.